

Diálogos, interações e extensão universitária em escolas públicas no interior do Rio Grande do Norte: relato de experiência

Dialogical extension project in public schools in the interior of Rio Grande do Norte: experience report

Clara Caroline dos Santos Silva

Estudante do Curso de Graduação em Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

E-mail: claracaroline@live.com

Jocellem Alves de Medeiros

Estudante do Curso de Graduação em Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

José Jailson de Almeida Júnior

Enfermeiro. Doutor em Educação. Professor do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Henry Walber Dantas Vieira

Enfermeiro. Professor da Escola de Enfermagem de Manaus da Universidade Federal do Amazonas (EEM-FAM) em Colaboração Técnica no Departamento de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DSC/UFRN). Doutor em Ciências pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EE-USP).

Resumo

O presente artigo tem como objetivo relatar as percepções de um projeto extensionista baseado na interação dialógica entre educandos e educadores da Rede Pública de Educação. As ações de extensão foram desenvolvidas com uso de círculos de cultura e práticas lúdicas para a discussão e reflexão da educação ambiental, da sustentabilidade e da saúde popular. Os resultados versam sobre o trabalho interprofissional entre discentes dos cursos de Enfermagem, Psicologia e Fisioterapia alcançando um olhar holístico sobre as necessidades da comunidade e favorecendo uma construção horizontal e dialógica do conhecimento junto aos participantes, respeitando os valores e saberes de cada um. Portanto, foi possível perceber a importância de realizar ações extensionistas que promovam o protagonismo da comunidade na construção do conhecimento em que a discussão do uso consciente da água, sustentabilidade e educação ambiental necessitam ser melhor abordadas na sociedade contemporânea, pois são necessárias atitudes para promover o desenvolvimento da consciência e da responsabilidade de cada um com o planeta, através de discussões que possam levar à transformação real do ambiente que cada um está inserido.

Palavras-chave: Educação em Saúde. Extensão Comunitária. Educação Ambiental. Ensino Superior.

Abstract

This article aims to report the perceptions of an extensionist project based on the dialogical interaction between students and educators of the public schools. The extension actions were developed using culture circles and playful practices for the discussion and reflection of environmental education, sustainability and popular health. The results are related to the interprofessional work among students of the nursing, psychology and physiotherapy courses, achieving a holistic look on the needs of the community and favoring a horizontal and dialogical knowledge building with the participants, respecting the values and knowledge of each one. Therefore, it was possible to

realize the importance of performing extensionist actions that promote the protagonism of the community in the knowledge building in which the discussion of the conscious use of water, sustainability and environmental education need to be better approached in today's society, because attitudes are needed to promote the development of consciousness and responsibility of each one with the planet, through discussions that can lead to the real transformation of the environment in which each one is inserted.

Keywords: Health Education. Community-Institutional Relations. Environmental Health Education. Education, Higher.

Introdução

Ao decorrer da história, a Educação e a Saúde no Brasil foram alvos de intervenções em momentos políticos de crises, de insatisfação popular e ameaças financeiras.¹ O olhar para uma pedagogia higiênica teve início no século XIX com o modelo campanhista e suas práticas de saúde marcadas pelo autoritarismo, cenário do qual na década de 1920 surgiu uma nova concepção de serviços de saúde que impulsionada pela primeira reforma sanitária brasileira, começou a transição dos métodos coercivos pela conscientização dos métodos educativos e preventivos junto à população.¹ Assim, Educação e Saúde passaram a estar vinculadas, permitindo que questões sociais e de saúde do cotidiano dos sujeitos e coletividades pudessem ser problematizadas em diferentes espaços e de formas distintas.²

O ambiente escolar possui o potencial de construção de conhecimentos e este, como

forma de favorecer a autonomia e empoderamento dos envolvidos, deve partir do ideal de desenvolvimento crítico-reflexivo segundo a realidade social em que o indivíduo está inserido.³ O empoderamento é definido como um processo educacional projetado para ajudar o indivíduo a desenvolver o conhecimento, as habilidades, autoconsciência necessários para se enxergar no mundo e assumir suas responsabilidades enquanto parte dele.⁴

Logo, práticas educativas que são comprometidas com educação popular e que visam incluir aspectos socioculturais do cotidiano ligados às condições de vida, configuram demandas importantes a serem problematizadas e analisadas neste ambiente.²

De acordo com os ideais de Paulo Freire, a transformação social é possível de ser alcançada por meio da Educação, pois, para o autor,

quando a Educação é dialógica, horizontal, integradora e interativa, a prática educativa permite o ato de responsabilização social e política e o processo de emancipação, onde o indivíduo supera a opressão, caracterizando-se por uma prática libertadora.^{5,6}

A Extensão Universitária, atualmente é conceituada a partir do princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, sendo vista como um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que possui a capacidade de promover a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade.⁷ Porém, nem sempre as ações de Extensão Universitária estiveram incorporadas à educação libertadora onde todos possam ser sujeitos atuantes, que agem e pensam criticamente. Anteriormente, tais ações remetiam quase sempre à prática intitulada por Paulo Freire como educação bancária, na qual há uma verticalidade “coisificadora” onde um ator é sujeito e o outro objeto a ser preenchido.⁸

Nessa perspectiva, Políticas Públicas e Programas, como a Política Nacional de Promoção da Saúde⁹, Política Nacional de Atenção Básica¹⁰ e o Programa de Saúde na Escola (PSE), foram estratégias desenvolvidas com finalidade de estimular e concretizar a integralidade, a equidade, o empoderamento, a horizontalidade e as práticas intersetoriais de educação, saúde e sustentabilidade.^{2,11} O PSE ainda propõe o ambiente escolar como dinamizador do saber coletivo que contribuirão

para formação de territórios mais saudáveis e conscientes reforçando seu potencial como espaço coletivo de aprendizagem.³

Compreende-se então, que as ações e parcerias intersetoriais são mais eficazes quando os envolvidos se apropriam do diálogo e reconhecem o peso da subjetividade e da cultura de determinada comunidade para então oferecer-lhes uma concepção problematizadora, crítica, dialógica, libertadora e de empoderamento.^{2,12}

Assim, o presente texto tem por objetivo relatar as percepções de discentes integrantes de um projeto extensionista baseado na interação dialógica com educandos e educadores da Rede Pública de Educação.

Metodologia

Trata-se de um relato de experiência de caráter descritivo-reflexivo construído a partir da vivência de acadêmicas do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) em um Projeto de Extensão denominado “ÁGUA É VIDA: PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES PARA A SUSTENTABILIDADE”, desenvolvido por docentes e discentes da Instituição no município Santa Cruz, no interior do Rio Grande do Norte durante os dois períodos letivos em 2017.

A escolha pelo tema e a construção do projeto partiu da reflexão do cenário ambiental Nordeste e de como a educação ambiental e a

educação popular surgem como alternativas para um mundo mais justo, sustentável e saudável. É importante salientar que através da educação ambiental e da educação popular – que está fundamentada nas bases Freirianas – é possível o desenvolvimento de programas descentralizados, espaços potencializadores para o desenvolvimento social e ambiental e troca de experiências que irão permitir o enriquecimento das relações humanas com o meio ambiente por meio do conhecimento da realidade local considerando sempre o saber da comunidade que deverá ser protagonista dessas ações.

Assim, a proposta do projeto foi contribuir para a formação crítica reflexiva dos atores sociais envolvidos ao promover experiências nos espaços escolares com enfoque no respeito aos valores e culturas destes, assim como, no desenvolvimento de ações de educação em saúde, ambiental, social e sustentável, objetivando criar espaços de participação, discussão e aprendizagem junto à população.

Dessa forma, na perspectiva de contribuir para o desenvolvimento da promoção da saúde através do protagonismo popular, a metodologia que fundamentou as atividades realizadas fora baseada no pensamento Freiriano de educação popular com uso de Círculos de Cultura. Eles foram desenvolvidos na década de 1960 por Paulo Freire em sua experiência de alfabetização de adultos no Rio Grande do Norte e Pernambuco e no Movimento de Cultura Popular, como uma

proposta pedagógica onde possuíam um caráter libertador e democrático propondo uma aprendizagem integral e a horizontalidade na relação educador-educando requerendo tomada de consciência perante os problemas de determinados contextos.¹³

O território escolhido foram duas Escolas Públicas do município de Santa Cruz/RN, tendo como público alvo os educadores e educandos (infantojuvenis) do 1º ao 6º ano do ensino fundamental. A equipe foi composta por 1 coordenador e 11 discentes dos cursos de Enfermagem, Fisioterapia e Psicologia que durante encontros semanais planejavam as ações considerando a população, faixa etária, temática abordada e a disponibilidade de horários das Escolas e da equipe. Analisando tais fatores, foi necessário conhecer a realidade do território através do reconhecimento do mesmo e utilizando-se de rodas de conversas para perceber as demandas do mesmo através diálogo com professores e alunos.

A partir de um aporte teórico sobre Educação Popular em Saúde, perspectivas Freirianas sobre o Ensino e Educação, Educação Ambiental e das percepções da equipe durante as rodas de conversas, o percurso metodológico foi construído evidenciando que seria necessário durante as exposições dialogadas utilizarem de metodologias ativas como, por exemplo, recursos visuais, peças teatrais, jogos recicláveis e filtros de água artesanais em busca de um melhor desempenho das ações considerando a atenção, interação, entendimento e retorno dos

participantes, primordial para a troca de conhecimentos almejada.

As ações aconteceram através das exposições dialogadas que abordaram, a partir da realidade em que viviam, temas como o uso consciente da água, doenças causadas pelo mau uso e armazenamento da água, curiosidades sobre sua utilização, sustentabilidade e reciclagem. De acordo com o planejamento, foram confeccionados pelos discentes da equipe alguns jogos de materiais recicláveis, filtros de água artesanais e criado uma peça teatral com intuito de tornar o conhecimento mais prático e lúdico para os envolvidos.

Ao iniciar as ações, um espaço de tempo era determinado para as apresentações e um momento de descontração com algumas músicas a fim de proporcionar a aproximação equipe/alunos. Já no decorrer das ações, a todo instante era permitido que os participantes ficassem à vontade para contribuírem com suas reflexões e conhecimentos sobre o tema discutido. No final de cada ação, tanto os alunos, quanto os professores continuavam a ter espaço para retomar com o grande grupo o conhecimento e as novas descobertas trocadas, sempre priorizando o diálogo. Na conclusão das ações, todos os materiais confeccionados foram entregues à direção das Escolas para incentivo das práticas ali realizadas.

Resultados e Discussão

Esse projeto obteve como um dos produtos o trabalho multidisciplinar entre discentes de

Psicologia, Enfermagem e Fisioterapia, possibilitando um olhar muito mais holístico sobre as demandas e necessidades da comunidade na qual estavam inseridos e sobre os educandos de diversas faixas etárias. Ressaltando que o conceito de integralidade, segundo a Lei Federal 8.080/90¹⁴ em seu capítulo II, é um: “conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema”.¹⁴ Dessa maneira, é de suma importância ressaltar que profissionais que desde a academia se preparam para adentrar na realidade com essa visão de trabalho interprofissional, comunicativo e integral, irão obter mais chances de superarem os desafios que surgirão dentro dos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS).

Além disto é preciso destacar os produtos obtidos com os métodos práticos e lúdicos realizados, que foi a aprendizagem da montagem de filtros de água, a reflexão sobre o uso consciente da água, reutilização de materiais reciclados que serviram para estimular a criatividade e aguçar o interesse pelas boas práticas sustentáveis, assim como a discussão enriquecedora sobre temáticas que cercam o cotidiano de todos.

Essa vivência permitiu a cada participante desse projeto compreender a extensão universitária, que não é simplesmente estender algo a alguém como detentores de um saber maior, mas significa um fazer conhecimento junto com a

comunidade.⁸ Oportunizou uma problematização do cenário de vida real e nos leva a transformar o ambiente como sujeitos participantes daquele processo junto com cada indivíduo.

A fuga de uma realidade ideal dentro dos livros acadêmicos nos leva a necessidade de transcender com o profissional em formação meramente tecnicista. São fundamentais o contato humano e a construção de pontes tecidas pelo diálogo, que é a interação fundamental para forjar um profissional preparado para lidar com vidas, cada uma diferente por ter significados e experiências divergentes dos seus.¹⁵

O uso dos círculos de cultura como uma estratégia didático-pedagógica foi essencial para favorecer o protagonismo dos participantes, permitindo a livre construção crítica de saberes, através da pronúncia do mundo a sua maneira.^{16,17} Assim, eles falavam abertamente sobre suas experiências cotidianas para tentar economizar a água em períodos de falta, como reutilizar produtos plásticos de suas casas, qual o olhar tinham sobre a comunidade em que estavam inseridos e seu modo de lidar com essas temáticas.

A estratégia dialógica que foi proposta serviu justamente para que houvesse um lugar de fala aos participantes e organizadores, para ser um encontro onde todos pudessem construir novas concepções e absorver outras para a melhoria da comunidade em se tratando de desenvolvimento na saúde, no social e ambiental.

É imprescindível ressaltar que a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) aponta para a importância de intervir em problemas como má qualidade da água, falta de saneamento básico, como maneiras de propiciar a melhoria na qualidade de vida da população.⁹ O estudo e a reflexão sobre temáticas como: meio ambiente, sustentabilidade e saúde popular, ocorria através dos momentos em que todos sentavam no círculo de cultura e levantava-se um tema específico, a partir dali era apresentado imagens, textos que fomentavam essa reflexão crítica. Era aberto o espaço de fala que garantia uma construção coletiva, pois cada um pronunciava sua visão de mundo e as várias perspectivas se uniam para formular uma conclusão sobre aquela temática.

Todo esse processo ocorreu no sentido de promover a emancipação de todos aqueles que participaram, dialogando sobre a visão de mundo de cada um. Como uma forma de provocar um convite a liberdade, a prática extensiva passa a ser dialógica, em que aqueles que em outra visão iriam ser os oprimidos, por receber um conhecimento pronto lançado sobre eles, passam a ser os sujeitos que buscam a transformação da sua realidade.¹⁶ Foi possível chegar a essa conclusão através da fala de cada estudante ao fim das ações, em que eles relatavam imaginar que os estudantes da universidade estavam ali apenas para mostrar o que eles sabiam e não estavam interessados em conversar ou descobrir a opinião alheia

sobre qualquer tema, porém tudo mudou ao longo dos encontros em que eles perceberam a construção de um novo saber coletivamente.

Assim os integrantes dessa ação tomaram sua posição de sujeitos autônomos e puderam de fato pronunciar seus próprios saberes. O feedback de cada um que participou ao final dos encontros foi a consolidação desse ideal, pois na fala de todos era possível perceber que naquele dia todos tinham deixado um pouco do seu saber e levado um pouco do outro, dessa maneira a educação não se fez de A sobre B, mas se fez de A com B.¹⁶ A equipe de trabalho aprendeu como era a realidade daquela comunidade com a falta de água, de saneamento básico e como eles faziam para melhorar o meio ambiente que estavam inseridos. E os alunos aprenderam como melhorar a qualidade de vida tomando os principais cuidados com o uso da água e o descarte do lixo, além de novas estratégias de reutilizar água e até mesmo como fazer brinquedos através da reciclagem. Assim foi alcançado o efeito desejado de trabalhar a educação ambiental e a promoção a saúde de maneira participativa e dinâmica.

Considerações Finais

Dessa maneira, é possível perceber que esse projeto pôde contribuir com a promoção à saúde daquela comunidade, através de uma prática dialógica e lúdica de extensão universitária que promoveu cada pessoa envolvida a um papel de protagonista como responsável social pela transformação do ambiente que o cerca. E após a problematização daquela realidade, cada discente participante percebeu a importância do trabalho interprofissional que promove um cuidado a comunidade muito mais integral que só pode ser alcançado quando cada um utiliza das ferramentas diálogo, respeito, observação e envolvimento com a coletividade.

E tratar do tema educação ambiental, sustentabilidade, promoção à saúde é de suma importância para não apenas pequenas comunidades, mas para o planeta que a cada dia sofre mais com a ação do homem desenfreado. É preciso que existam mais espaços para a discussão de maneiras de melhorar a qualidade de vida da nossa população e de como tornar a geração atual e futura interessada em se responsabilizar pela transformação ambiental.

Referências

¹Silva CMC, Meneghim MC, Pereira AC, Mialhe FL. Educação em saúde: uma reflexão histórica de suas práticas. *Ciênc. saúde coletiva* [publicação online]. 2010 [acesso em 25 Set 2019]; 15(5): 2539-2550. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000500028&lng=en.

²Silva CS, Bodstein RCA. A theoretical framework on intersectoral practice in School Health Promotion. *Ciênc. saúde coletiva* [publicação online]. 2016 [acesso em 19 mai 2019]; 21(6): 1777-1788. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000601777&lng=en.

³Lopes IE, Nogueira JAD, Rocha, DG. Eixos de ação do Programa Saúde na Escola e Promoção da Saúde: revisão integrativa.

Saúde em Debate [publicação online]. 2018 [acesso em 19 mai 2019]; 42 (118): 773-789. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201811819>

⁴Feste C, Anderson EM. Empowerment: from philosophy to practice. Patient Education Counselling [publicação online]. 1995 [acesso em 24 set 2019]; 26(1-3): 139-144. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/7494713>.

⁵Menezes MG, Santiago, ME. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. Pro-Posições [publicação online]. 2014 [acesso em 19 mai 2019]; 25 (3): 45-62. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072014000300003&lng=en&nrm=iso

⁶Brandao CR, Fagundes MCV. Cultura popular e educação popular: expressões da proposta Freireana para um sistema de educação. Educ. ver [online]. 2016 [acesso em 19 mai 2019]; (61): 89-106. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602016000300089&lng=en&nrm=iso

⁷Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária, Manaus [publicação online]. 2012 [acesso em 24 set 2019]. Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/estrutura-universitaria/pro-reitorias/prorec/diretoria-de-extensao/documentos-da-extensao-de-ambito-nacional/politica-nacional-de-extensao-universitaria-forproex-2012/view>.

⁸Freire P. Extensão ou comunicação?. 15ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011

⁹BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Série B. Textos Básicos de Saúde; Série Pactos pela Saúde 2006, v. 7.

¹⁰BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política nacional de atenção básica. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Série A. Normas e Manuais Técnicos; Série Pactos pela Saúde 2006, v. 4.

¹¹Sícoli JL, Nascimento PR. Promoção da saúde: concepções, princípios e operacionalização. Revista Interface Comunicação Saúde e Educação [publicação online]. 2003 [acesso em 19 mai 2019]; 7 (12): 91-112. Disponível em: <http://www.scielo.org/pdf/icse/v7n12/v7n12a07.pdf>

¹²BARROS R. Revisitando Knowles e Freire: Andragogia versus pedagogia, ou O dialógico como essência da mediação sociopedagógica. Educ. Pesqui [publicação online]. 2018 [acesso em 19 mai 2019]; 44. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100465&lng=en&nrm=iso

¹³Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. II Caderno de educação popular em saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014.

¹⁴BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Lei Orgânica da Saúde. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Brasília, set. 1990.

¹⁵Leitão, Débora Krischke. A Arte de Sensibilizar o Olhar – ou Por que ensinar Antropologia?. [publicação online]; 2011 [acesso em 18 mai 2019]. Disponível em: <https://www.feis.unesp.br/Home/departamentos/fitotecniatecnologiadealimentosesocioeconomia716/antoniolazarosantana/a-arte-de-sensibilizar-o-olhar-e-questoes-1-sem-2019.pdf>.

¹⁶Freire P. Pedagogia do oprimido. 50ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

¹⁷Freire P. Pedagogia da autonomia. 25ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Submissão: 22/05/2019

Aceite: 09/09/2019